

A SUBJETIVIDADE: UM OLHAR ENUNCIATIVO SOB O GÊNERO *BLOG*

Patrícia da Silva VALÉRIO
(Universidade de Passo Fundo-RS)
patriciav@upf.br

Cláudia Stumpf TOLDO
(Universidade de Passo Fundo-RS)
claudiast@upf.br

RESUMO: O estudo, inspirado nas reflexões de Benveniste sobre enunciação, objetiva analisar como se dá a apropriação do aparelho formal da enunciação em um texto eletrônico. Para tanto, ancora-se na última fase dos estudos do linguista, no texto de 1970, resgatando conceitos-chaves úteis para analisar duas possibilidades de transformação de um leitor em locutor: a primeira recai sobre o estudo de um texto postado pela primeira vez; a segunda, sobre a postagem do mesmo texto em outras cinco ocorrências em tempos diferentes. O estudo quis mostrar que o sentido do texto se constrói a cada enunciação, observando-se seu *ato*, sua *situação* e seus *instrumentos* – o quadro formal de enunciação, único a cada discurso, construído na relação entre as expressões que compõem o texto.

PALAVRAS-CHAVE: enunciação; subjetividade; discurso; sentido; ato.

ABSTRACT: This paper, inspired on Benveniste's reflections about enunciation, intends to analyze how the appropriation of the formal source of enunciation is done in an electronic text. Therefore, it was anchored on the last studies of the linguist in the 1970's text, rescuing useful key concepts to analyze two possibilities to transform a reader into a speaker: the first one is about the analysis of a text posted for the first time; the second, about the posting of the same text in five other events in different times. The study aimed at showing the sense of a text which is based on each enunciation, on the observation of its act, its situation and its instruments – the enunciation's board, unique in each speech, built in the expression relations that compose a text.

KEYWORDS: *enunciation; subjectivity; speech; sense; act.*

0. Introdução

O trabalho que se segue, ancorado na teoria da enunciação tal como foi pensada por Émile Benveniste, intelectual francês conhecido como o linguista da enunciação, tem por objetivo analisar como se dá a apropriação do aparelho formal da enunciação em textos de *leitores-locutores*¹ no *blog*² de Eliane Brum, colunista da Revista *Época online*.

O desejo em analisar texto dessa natureza justifica-se, primeiramente, por ser gênero discursivo-textual relativamente novo no cenário da linguagem, o que merece estudo. Em segundo lugar, destaca-se a capacidade que tal gênero tem de instaurar o interlocutor diante do texto, materializando-o, condição que o aproxima de modo especial da conversação em tempo real. Por fim, a temática do texto da colunista Brum, em especial o fechamento do texto, que inclui um *post scriptum* que convida o leitor a responder a uma pergunta, posicionando-se a respeito de um tópico discutido no texto. Essa particularidade, no nosso entendimento, merece ser estudada sob o viés da teoria da enunciação tal como propõe Benveniste, já que há no texto a condição materializada da enunciação: *eu* locutor, que se transforma em *tu* interlocutor e vice-versa.

1. Benveniste para ler melhor o texto

Por que Benveniste? Conforme Flores e Teixeira (2005), Émile Benveniste possui um lugar especial nos estudos da enunciação, sendo considerado seu principal representante³. As reflexões do linguista francês são fundamentais para a análise que pretendemos apresentar, pois sua visão de enunciação como mecanismo de referenciação único permite analisar a língua no evento singular de sua manifestação.

Sabemos, conforme Flores (2012), que não convém ler os textos dos PLG de Émile Benveniste linearmente. A leitura da produção teórica do linguista francês torna-se enriquecida quando lida através de uma

¹ Denominaremos *leitor-locutor* o leitor do texto de Eliane Brum que publicou texto no *blog* da colunista.

² Não é propósito deste artigo discutir o conceito de *blog*. Assumimos, para tanto, a definição de gênero discursivo-textual encontrada em Bakhtin (2010): "falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas da construção do todo" (p. 282). Ainda em Bakhtin (2010) encontramos explicação para o papel que os gêneros discursivos exercem socialmente: "os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais e sintáticas" (p. 283).

³ Benveniste é responsável pela discussão de temas importantes como subjetividade/ intersubjetividade, referência, significação, relação universal/ particular, os quais tomam outras proporções a partir de suas reflexões (FLORES et al., 2008).

complexa rede de termos. Pode-se afirmar que há *fases* da produção de Benveniste, as quais mantêm relação com o público a que se destinavam os textos e mesmo com o momento de reflexão do autor. A primeira fase, à qual pertencem os textos produzidos entre 1946 e 1958, trata da definição dos conceitos de pessoa e não-pessoa. A segunda fase compreende textos produzidos durante a década de 60 e discute definições relacionadas aos níveis semiótico e semântico da língua e preocupa-se com a distinção *forma e sentido*. A terceira e última fase compreende seu último texto sobre o tema: O aparelho formal da enunciação, de 1970⁴.

Como não é possível tratar de diferentes fases de estudo do pesquisador ao mesmo tempo, já que uma leitura atenta da obra revela percepções diferentes do autor sobre o mesmo objeto de estudo nos diferentes momentos de sua produção intelectual, tomaremos seu último texto. No texto de 1970, Benveniste faz considerações importantes acerca do emprego da língua. Ele desenvolve essas questões no texto "Aparelho formal da enunciação" (PLG II, 1989), que traz questões necessárias para a descrição e a interpretação das formas no emprego da língua em suas mais variadas manifestações.

Escolhemos esse texto para aportar nossa análise uma vez que essa, conforme Toldo (2010:64), é a fase de maior aprofundamento do tema estudado pelo autor. "O Aparelho", sendo o último texto referente aos estudos da enunciação, publicado por Benveniste e tendo ele uma densidade teórica ímpar, apresenta-se como um programa de pesquisa que, ao mesmo tempo em que sintetiza mais de 30 anos de trabalho do autor, sinaliza para uma série de estudos futuros que ainda hoje não estão devidamente desenvolvidos. Em outras palavras: "O Aparelho" ocupa epistemologicamente a posição de ser simultaneamente uma reflexão síntese e um programa de pesquisas. É essa posição singular de "O aparelho" relativamente ao conjunto da obra de Benveniste que faz com que também Aya Ono (2007), em seu *La notion de l'énonciation chez Émile Benveniste*, considere-o como um *primus inter pares*.

2. Enunciação e o seu Aparelho Formal

No texto "O aparelho formal da enunciação", Benveniste (1989:81) inicia sua reflexão afirmando que o fato de a língua possuir uma regularidade e uma espécie de inventário – palavras – junto com uma possibilidade mais ou menos limitada de emprego, poderia nos levar a pensar sobre a possibilidade de haver uma imagem pelo menos aproximativa da língua em emprego. Já no início do texto, o autor desfaz o possível equívoco, declarando que

⁴ Neste trabalho faz-se referência ao texto de 1970, porém na versão traduzida para o português, de 1989.

as condições de emprego das formas não são idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nessa diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as ver e de as interpretar (BENVENISTE, 1989:81).

Essa concepção de uso da língua (que distingue forma e sentido, como no texto de 1967) é fundamental para compreender a enunciação tal como é pensada pelo linguista francês: o material linguístico do qual fazemos uso quando falamos ou escrevemos pode ser o mesmo, mas isso não garante igualdade ou reprodução, já que as condições de emprego das formas referem-se à situação (eu/aqui/agora), que não se repete nunca, pois não há repetição na enunciação. Essa condição de unicidade deve-se ao caráter individual de uso da língua: cada enunciador, ao apropriar-se da língua e fazer uso dela, o faz individualmente e uma única vez. Poderá repetir o material linguístico enunciado, mas nunca o ato de enunciar, que é único. Benveniste alerta o leitor para não confundir o ato com o texto do enunciado: "este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta" (1989:82).

Conforme Benveniste (1989), o ato da enunciação pode ser estudado sob três aspectos: a) como utilização vocal da língua; b) como processo de conversão da língua em discurso; c) como definição da enunciação no quadro formal de sua realização. Veremos como o autor explicita cada um desses aspectos.

É importante entender a enunciação como utilização vocal da língua, pois os sons que produzimos procedem sempre de atos individuais. Isso explica porque os mesmos sujeitos jamais serão capazes de reproduzir os mesmos sons de maneira exata.

Para que ocorra a enunciação, é necessária a conversão individual da língua em discurso, pois cada vez que alguém enuncia o faz individualmente. No estudo de Benveniste, percebemos o reconhecimento do caráter de inovação desse tipo de estudo, quando afirma que "é questão muito difícil e pouco estudada ainda ver como o sentido se forma em palavras" (1989:83). O autor considera ponto fundamental colocar o sentido da língua no centro desse aspecto da discussão.

O propósito do artigo de 1970 é definir a enunciação no quadro formal de sua realização, nas palavras do autor: "esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza" (Benveniste, 1989:83). Para tanto, é necessário partir do princípio de que alguns caracteres são necessários e permanentes na enunciação, outros, no entanto, são "incidentais e ligados às particularidades do idioma escolhido" (1989:83).

A fim de cumprir o objetivo a que este texto se propõe, isto é, analisar a enunciação em seu quadro formal de realização, recorreremos a Benveniste, que evidencia três elementos: a) o próprio ato da enunciação; b) as situações em que o ato se realiza; c) os instrumentos de sua realização.

Quanto ao ato, podemos dizer que é através dele que o locutor passa a ser elemento indispensável à enunciação, pois é ele [o locutor] quem realiza o ato individual de utilização da língua. É basilar compreender que a primeira condição para constituição da enunciação é a introdução do leitor/locutor como sujeito. "Antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade. Depois da enunciação, resulta de uma instância de discurso que parte de um locutor sob forma sonora e atinge um ouvinte e suscita outra enunciação de retorno" (Benveniste, 1989:84). Quando o locutor se apropria da língua e enuncia, concretiza esse ato de enunciação e a língua é efetuada em uma instância de discurso, instaurando o locutor (que produz o ato da enunciação) e o alocutário (que produzirá outra enunciação).

Enunciação enquanto realização individual é processo de apropriação: "o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro". Ao declarar-se locutor, ao assumir a língua, o locutor "implanta o outro diante de si qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a esse outro. Toda enunciação é, implícita ou explicitamente, uma alocação, pois que postula um alocutário" (BENVENISTE, 1989:84).

Benveniste defende, ainda nos textos da primeira fase⁵, quando discute a relação entre homem e linguagem, que é *na e pela linguagem* que o homem se constitui como sujeito. Quando o locutor se apresenta como sujeito e se diz eu, instaura o outro diante de si, que é o seu eco – tu, que, dada a condição de reversibilidade, assumirá o papel do eu e fará do outro seu tu. No texto de 1970, o autor não mais trata da *linguagem* e sim denomina a enunciação de "ato individual de apropriação da *língua* que introduz aquele que fala em sua fala" (1989:84).

Essa apropriação da língua pelo locutor instaura o tu, refere pelo discurso e faz do locutor um co-locutor. Isso traz um segundo elemento do quadro formal de enunciação: a situação. A situação de enunciação vai se manifestar por um jogo de formas específicas. São elas: a) índices de pessoa (eu/tu); b) índices de ostensão (função dêitica da língua) e c) índices de tempo. A forma axial, ou seja, o eixo orientador da situação de enunciação é o presente que coincide com o momento da enunciação. É dele que nasce a categoria de tempo. É na situação que

⁵ Em "Da subjetividade da linguagem", 1958.

temos o eu que se enuncia a um tu, num dado tempo e num dado lugar. Essas são as formas específicas da enunciação que num jogo muito particular e singular propiciam a enunciação que se renova a cada produção do discurso.

É nesse último texto que Benveniste aprofunda a noção de pessoa – quando não mais se preocupa em diferenciar pessoa e não-pessoa, uma vez que já o fez com propriedade em textos anteriores⁶ – e passa a observar as condições de ocorrência da enunciação. Evidentemente, a categoria de pessoa deve estar presente: “o termo eu denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo tu, o indivíduo que está aí presente como alocutário” (1989:84). Tão importante para a enunciação é a emergência dos índices de pessoa – estrutura do diálogo - que o autor define a enunciação “como a acentuação da relação discursiva com o parceiro, real ou imaginado, individual ou coletivo” (1989:87).

Benveniste, ao definir enunciação, explica que essa constrói referência, ou seja, na enunciação a língua serve para expressar certa relação com o mundo. Se para o locutor a apropriação da língua cumpre a necessidade de “referir pelo discurso” (grifos do autor), para o alocutário torna possível “co-referir identicamente” (grifos do autor). Por essa razão é que “a referência é parte integrante da enunciação” (1989:84).

Assim como os índices de pessoa e a necessidade do sujeito de referir, pertencem à mesma natureza os “índices de ostensão” (este/aqui), isto é, os “termos que exigem gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (1989, p.85). A esses elementos Benveniste confere o *status de indivíduos linguísticos*. Tal definição parece bastante apropriada, pois esses índices emergem na enunciação e, como tal, são “semel-natif” (grifos do autor), isto é, “são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo” (1989:85). Integram essa classe as formas denominadas pronominais, as quais se referem a pessoas, momentos ou lugares em oposição às formas nominais, as quais se referem a conceitos.

Condição fundamental da enunciação é o tempo verbal. O presente é o tempo da enunciação, uma vez que só existe no evento enunciação, pois “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver ‘o agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (...) o tempo presente formal explicita o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção do discurso” (BENVENISTE, 1989:85). Por isso é que se diz que a enunciação promove alguns signos à existência: eu, aquele, amanhã.

O terceiro elemento que compõe o quadro formal da enunciação

⁶ Em “A estrutura das relações de pessoa no verbo”, 1946 e em “A natureza dos pronomes”, 1956.

são os *instrumentos*. Benveniste afirma que a enunciação – enquanto uma realização individual – é antes de tudo um processo de apropriação. Isso significa afirmar que “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 1989:84). Esses integram um aparelho de funções, ou seja, são todos os elementos disponíveis na língua de que se serve o locutor para dizer algo a seu interlocutário. Interrogações, ordens, apelos, chamamentos, asserções, negativas são alguns dos modos que o locutor usa para “intimar” (grifo nosso) seu interlocutário, estabelecendo dessa maneira uma relação discursiva com seu parceiro. Podemos pensar os instrumentos como todos os recursos linguísticos que estão à disposição na língua, para a relação interlocutiva entre um eu e um tu e para a realização de um ato de enunciação, numa dada situação de tempo e espaço. Esse movimento gerado de um eu (fonte do dizer) para um tu (fim do dizer) caracteriza o quadro figurativo da enunciação. Temos aqui a estrutura do diálogo⁷ dado pela enunciação.

Em resumo, na enunciação emergem os índices específicos (categoria de pessoa eu/tu), os indivíduos linguísticos (pronomes pessoais/ demonstrativos) e os procedimentos acessórios, o paradigma inteiro das formas temporais – tempos verbais que coincidem com o momento da enunciação. Por isso Benveniste diz que a enunciação enquanto realização individual é processo de apropriação: “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (1989:84).

O estruturalista francês encerra o texto fazendo referência à enunciação escrita: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, faz os indivíduos se enunciarem” (1989:90). Denomina essas ocorrências de formas complexas do discurso. São essas ocorrências que pretendemos analisar a seguir.

3. Uma proposta de leitura enunciativa

As questões tratadas na seção anterior trazem, para nós, uma possível descrição do emprego da língua que, a serviço do homem, possibilita que ele se marque como sujeito em seus dizeres. A partir das reflexões de Benveniste, queremos refletir sobre como esses elementos que compõem o quadro formal da enunciação podem auxiliar na leitura de textos, quando se quer tratar da construção de seus sentidos.

⁷ Questões relativas aos limites do diálogo, pontuados por Benveniste nesse texto de 1970 não são tratadas neste trabalho.

Os textos analisados neste trabalho encontram-se disponíveis para consulta pública na Revista *Época on-line*⁸ e constituem-se de comentários de leitores da revista publicados numa espécie de *blog*⁹ hospedado no *site* da revista. A cada novo texto, outros comentários vão sendo postados e, assim, os leitores do texto da colunista¹⁰ vão se transformando em leitores-locutores¹¹ de novos textos.

O texto de Brum destaca-se, a princípio, pela temática. O texto *Palavras em busca de adoção* é iniciado com apresentação de um jogo *on-line* de um *site* americano em que o internauta deve escolher uma palavra, dentre as que “se oferecem” na tela para “adotar”. Depois de escolher a palavra, o participante do jogo descobre seu significado através de um *clique* e é desafiado a usá-la no seu cotidiano. A jornalista parte da descrição desse jogo para refletir sobre o fenômeno da linguagem. Questiona o uso e desuso de vários vocábulos da língua portuguesa, reflete sobre o sentido das palavras desconhecidas, revela a sua palavra desconhecida preferida, interrompe o texto à procura do significado do termo no dicionário e, ao final, redige um *post scriptum* em que convida o leitor do texto a responder qual a sua palavra preferida e por quê. O texto de Brum mereceria ser analisado, porém partiremos para a análise dos comentários.

É curioso o fato de haver, na diversidade de comentários, dois leitores que postaram mais de um texto. Um deles publicou comentários linguísticos diferentes em dias diferentes. Outro publicou o mesmo texto, material linguístico idêntico, em dias diferentes e em diferentes horários do mesmo dia. Optamos por analisar o segundo caso, em função dessa particularidade: por que alguém publicaria o mesmo texto, ou seja, idêntico material linguístico, em diferentes horários do mesmo dia e, ainda, insistiria em publicá-lo novamente em outras datas? Seria um “erro” do provedor ou do programa? Sendo o mesmo o material linguístico publicado, cada postagem seria uma nova postagem? Ou seja, haveria repetição nesse ato? Parece-nos que a teoria da

⁸ Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI169067-15230,00-PALAVRAS+EM+BUSCA+DE+ADOCACAO.html> Acesso em 15.3.11

⁹ Não encontramos definição mais específica para o gênero textual analisado. Trata-se de uma denominação aproximativa, pois os comentários postados assemelham-se às postagens em *blogs*. A diferença é que para ter seu texto publicado entre os demais comentários de leitores da página, o leitor-locutor precisa apenas preencher um pequeno cadastro com registro de seu *e-mail*.

¹⁰ Cabe informar que todos os colunistas da revista *Época online* dispõem do mesmo recurso *de* que a autora Eliane Brum.

¹¹ Denominamos, doravante, *leitor-locutor* o leitor que publicou textos no *blog* de Brum. Empregamos o termo *locutor*, a partir da leitura de Benveniste na primeira fase da teoria, quando define *locutor* como aquele que enuncia e assume a língua, o que é condição para a linguagem: “a linguagem só é possível porque cada *locutor* se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (1995, p. 289).

enunciação tal como pensada por Benveniste é a melhor opção de leitura para identificar o sentido desses textos.

Propomos, portanto, a seguir, duas possibilidades de análise enunciativa: a primeira analisando o "primeiro" texto e a segunda as diversas ocorrências do texto, isto é, as cinco publicações do mesmo texto. Ou melhor, do mesmo material linguístico, pois o "mesmo texto", se consideramos o que Benveniste discute sobre enunciação, não existe.

3.1 Primeira etapa de análise

1	<i>O¹² belo texto escrito por Cida Almeida, "A alma das</i>
2	<i>palavras", denuncia numa linguagem cheia de sentido, a</i>
3	<i>escassez existente quanto à postura que temos de</i>
4	<i>conduzir ao silêncio, ao ostracismo, o que um dia foi alvo</i>
5	<i>de nossa pretensa vontade e expressão – a palavra. Num</i>
6	<i>trecho ela afirma: "Esse negócio de firmar compromisso</i>
7	<i>com a palavra é coisa séria. Para esse trajeto entre</i>
8	<i>idéias, impulsos, inspiração e transpiração verbal até</i>
9	<i>chegar à escrita há de se ter uma boa peneira de lucidez</i>
10	<i>e senso crítico, e também muita coragem para os cortes</i>
11	<i>necessários ou as extravagâncias e excentricidades".</i>
12	<i>Que palavra no dicionário representa o coletivo destes</i>
13	<i>blogs mortos, falidos, não lidos e abandonados? Que</i>
14	<i>nome daremos para o cemitério virtual, com links</i>
15	<i>inativos, profiles desativados, e-mails com senhas</i>
16	<i>perdidas e esquecidas? Fico perplexo com o silêncio de</i>
17	<i>uma leitura do mundo que perde a sonoridade fonética, o</i>
18	<i>corpo e a beleza das palavras, independente do sentido.</i>
19	<i>Aprendi a ficar atento ao "arrupeio" das palavras. Mas</i>
20	<i>prefiro senti-la vibrando na minha língua, fazendo</i>
21	<i>cócegas nos meus ouvidos e aguçando todos os meus</i>
22	<i>sentidos, com um "arrupeio" percorrendo os caminhos</i>
23	<i>tortos deste texto. Precisamos conhecer nossa língua</i>
24	<i>para nos conhecermos como nação em nossas</i>
25	<i>qualidades e defeitos, lacunas e grandezas. Mapear e</i>
26	<i>registrar as palavras usadas numa língua é fundamental.</i>
27	<i>O escritor Guimarães Rosa, certa vez afirmou : "E</i>
28	<i>preciso tirar o pó das palavras, ou seja, desautomatizar a</i>
29	<i>linguagem para criar uma ponte com o leitor capaz de</i>
	<i>fazê-lo pensar sobre a língua e sobre o mundo que o</i>
	<i>cerca - daí que o autor relembra palavras esquecidas</i>

¹² Esse texto foi postado pela primeira vez no site da revista *Época* no dia 08 de setembro de 2010, às 19h45min.

<p><i>pele uso cotidiano, cria novas palavras, reúne numa frase palavras que provavelmente não se encontrariam." Onde as palavras transitam vazias, nada nascerá. "Onde poderei encontrar um homem que se esqueceu das palavras? Com ele é que gostaria de conversar" - Chuang Tzu</i></p>
--

Tal como propõe Benveniste, ao analisar o quadro formal da enunciação, consideraremos nesse estudo: o próprio ato, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização.

Conforme Benveniste, o ato da enunciação introduz aquele que fala em sua fala. No texto encontramos as seguintes marcas que evidenciam o caráter de subjetividade, ou seja, as marcas que evidenciam a presença do locutor: *belo* (l.1), *temos* (l.3), *nossa* (l.4), *daremos* (l.12), *fico* (l.14), *aprendi* (l.16), *prefiro* (l.17), *minha* (l.17), *meus* (l.18), *deste* (l.19), *precisamos* (l.20) *nos conhecermos* (l.20), *nossas* (l.21).

Se a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, é necessário distinguir, dentre essas ocorrências, aquelas que estão diretamente¹³ ligadas à instauração do *eu*, presentes nas formas verbais e nas formas pronominais, daquelas que se ligam indiretamente, como é o caso do adjetivo *belo* (l.1).

Observamos que, no caso dos verbos, também temos duas ocorrências diferentes: marca de 1ª. pessoa do singular e 1ª pessoa do plural. Quanto ao uso da primeira pessoa, já referimos anteriormente: para que haja enunciação, é necessária a emergência dos índices de pessoa, de um "eu" que assuma a língua e se declare como *eu*. Em relação ao emprego do "nós", vale a pena retomar Benveniste (1995) quando trata da relação de pessoas nos verbos¹⁴. O autor discutia, na época, se "nós" poderia ser uma pluralização de "eu". Argumentava que o caráter de unicidade e subjetividade próprios de "eu" impediam a concepção de que pudesse haver uma pluralização do *eu*:

se não pode haver vários "eu" concebidos pelo próprio "eu" que fala, é porque "nós" não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma junção entre o "eu" e o "não-eu", seja qual for o conteúdo desse "não-eu". Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em "nós" é sempre "eu" que predomina, uma vez que só há "nós" a partir de "eu" e

¹³ Optamos por denominar formas diretas e indiretas algumas formas, por entender que em algumas, como nas formas verbais e pronominais, as marcas de pessoa encontram-se marcadamente explícitas: *fico*, *minha*. Já no caso dos adjetivos como *belo* (linha 1), é necessário que o leitor perceba que é recurso usado pelo locutor para qualificar o texto a que se refere, ou em outras palavras, a palavra *belo*, sozinha, não traz marca de subjetividade, pois tal condição ocorre somente no discurso.

¹⁴ Em "Da estrutura da pessoa nos verbos" (1946).

esse “eu” sujeita o elemento “não-eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” (Benveniste, 1995:256).

O autor conclui o texto, afirmando que apenas a terceira pessoa, sendo não-pessoa, admite plural. Não se pode afirmar se Benveniste, em 1970, mantinha a mesma opinião a respeito do uso do *nós*. Parece que se entendemos que *eu* é constitutivo de *nós*, tanto em eu + os outros leitores (não-pessoa?), ou eu + tu (leitor) há marca explícita de subjetividade. Portanto, quando o locutor diz *fico* (l.14) ou *temos* (l.3) emprega o aparelho formal da língua, de modo único e uma única vez a cada vez que o emprega para enunciar sua posição de locutor no mundo. Arriscamos dizer que o texto de 1970 possibilita-nos entender que o uso do *nós* em *temos* (l.3), *daremos* (l.12), *precisamos* (l.20), *conhecermos* (l.20) introduz o locutor no discurso, pois *eu* é constitutivo de *nós* nesse texto. Tanto que o locutor (co)relaciona esses elementos, empregando ora *eu*, ora *nós*: *temos* (l.3) ou *fico* (l.14), convertendo a língua em discurso, transformando-a em enunciação.

Nesses trechos, percebemos um *eu* comentando e por isso se enunciando a respeito do que tratava. Na medida em que o locutor diz o que disse, automaticamente intima um *tu* a acompanhar esse raciocínio de tentar entender – como ele (o *eu*) – a realidade que descreve. Como diz Malinowski, em artigo¹⁵ publicado em 1923,

cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão, mas como modo de ação.

Esse *eu* que assume a língua e se enuncia para um *tu*, pode dirigir-se a três possibilidades de *tu*: 1) a autora - colunista Brum, que solicita a participação do leitor, instigando-o a escrever a sua palavra preferida; 2) o leitor do texto - que poderá apenas ler sem assumir-se como *eu* na escrita; 3) ou o leitor-locutor – os demais leitores do texto que se sentirão motivados a escrever e assumir-se-ão como *eu*, como o fez o leitor-locutor desse texto. Conforme Benveniste, ao declarar-se locutor e assumir a língua, instaura o outro diante de si “qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a esse outro” (1989:84).

Ocorre nesse texto, ainda, a referência a não-pessoa, através da citação do outro. O locutor cita a *blogueira* Cida Almeida, o escritor Guimarães Rosa e o filósofo taoísta Chuang Tzu. Ao citar o *outro*, o locutor reafirma sua posição de sujeito, pois é ele quem assume a língua para citar o outro. Temos um *eu* que cobra de seu *tu* a participação de

¹⁵ Artigo citado em Problemas de Linguística Geral II, 1989, p.90.

sua reflexão. A cada vez que isso ocorre, esse *eu* e esse *tu* são novos, são “engendrados de novo”, pois, conforme Benveniste, não há repetição na enunciação.

Além da categoria de pessoa, explícita nesse texto, observamos a emergência de certas classes de signos que são promovidas à existência via enunciação, como o pronome *deste* (l. 19). Que lugar indica *deste* senão o lugar que quem diz *deste* indica?

Como as marcas de pessoa são constituídas nos verbos, vale observar o tempo que tais verbos indicam: *fico* (l.14), *aprendi* (l.16), *prefiro* (l.17), *temos* (l.3), *daremos* (l.12), *precisamos* (l.20) *nos conhecermos* (l.20) – o presente. Que tempo indica o presente senão o aqui-agora da enunciação? Conforme Benveniste, “a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, *na e pela* enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria de presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo” (p. 85).

Outra marca enunciativa é o uso das aspas em “arrupeio” (l. 19). Certamente o uso das aspas é a sinalização do locutor que decide imprimir seu destaque, sua marca à palavra, dando-lhe, portanto, novo sentido, o sentido único da enunciação. As escolhas do enunciador, conforme Valério (2005:145), revelam a inscrição da subjetividade do locutor no enunciado, pois é ele quem decide *como* vai construir referência no enunciado. Tais escolhas somente têm sentido no enunciado, pois um mesmo elemento, em situações discursivas distintas, poderá construir novos sentidos.

A enunciação, para ser reconhecida como tal, exige, como vimos, a observação de seus instrumentos de realização. Nesse texto, esses instrumentos são observáveis nas marcas de personalidade, explícitas nas formas verbais, na indicação do tempo da enunciação (presente), nos pronomes que indicam o caráter de personalidade: *minhas* (l. 17), *meus* (l.18), *deste* (l. 19).

As formas observadas indicam uma análise enunciativa em nível microtextual. Mas podemos, também, parece, analisar a enunciação em um nível macrotextual. Essa possibilidade é anunciada por Benveniste quando diz que “desde que o locutor se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções” (1989:86). Por aparelho de funções entende-se formas mais sutis como a interrogação e a asserção ou mais incisivas, como o imperativo e o vocativo¹⁶. A interrogação é uma forma de expressão sutil se comparada ao imperativo e ao vocativo, mas nem por isso menos marcada, pois suscita sempre uma resposta, conforme Benveniste, *é um processo linguístico de dupla entrada*. A asserção, por

¹⁶ Não exploraremos vocativo e imperativo, pois não são ocorrências presentes no texto em análise.

sua vez, tem por objetivo declarar uma certeza e “é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação” (1989:86). A asserção, segundo Benveniste, mesmo sendo menos evidente, também fornece condições à enunciação. O autor faz referência à presença de instrumentos específicos na asserção, como o *sim* e *não*, afirmando positivamente ou negativamente uma proposição. Nesse texto não observamos o uso desses instrumentos explicitamente, o que não significa que eles não estejam implicados nas construções dadas, pois o “sim” está implícito nas asserções.

O texto em análise é iniciado com uma asserção (linhas 1 a 4) e segue com outra asserção em que ocorre a citação do outro (Cida Almeida). A seguir, há uma sequência de interrogações (linhas 10 a 14), seguidas de asserções. Até que, ao final do texto, ocorre a citação de uma interrogação da não-pessoa (Chuang Tzu). Observando o texto desse modo, em nível micro e macrotextual, podemos dizer, amparados por Flores e Teixeira (2005), que, como o texto é usado para construir referência e esta é única em cada instância de discurso, esse texto é dêitico em sua plenitude, pois para Benveniste toda língua é dêitica, na medida em que precisa ser referida a quem enuncia para ter sentido (2005:42).

Nas situações em que ocorre a citação do outro no discurso (Cida Almeida, Guimarães Rosa e Chuang Tzu), observamos a incidência do que Benveniste refere ao final do texto como sendo uma forma complexa do discurso - a possibilidade da enunciação escrita. Para ele, esta ocorrência situa-se em dois planos: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (1989:90).

3.2 Segunda etapa da análise

Nessa etapa analisaremos os diferentes momentos em que o mesmo material linguístico foi postado no *blog*.

As inserções do texto se deram nos seguintes dias e horários: 08 de setembro de 2010 às 19h45min e às 19h59min, 13 de setembro de 2010 às 8h50min e 16 de setembro de 2010 às 7h33min e às 9h36min, totalizando cinco postagens do texto.

Poder-se-ia pensar que, se são cinco comentários idênticos, quem sabe, tratar-se-ia de um erro do provedor. Haveria, assim, uma única enunciação repetida, o que seria uma heresia do ponto de vista do quadro teórico adotado. É necessário refutar essa hipótese, retomando o que diz Benveniste no início do texto de 1970 “as condições de emprego das formas não são iguais às condições de emprego da língua. São em realidade dois mundos diferentes” (1989:81). Isso significa que não

podemos analisar essa ocorrência como repetição de enunciado, já que não há repetição na enunciação.

Entende-se que, cada vez que o locutor assume a língua e se enuncia, o faz de modo único: ele mesmo, o locutor, e uma única vez cada vez que enuncia. Faz isso por meio de índices específicos e de procedimentos acessórios. Cada vez que enuncia seu texto supõe o outro, o alocutário, qualquer que seja o grau imaginado de sua presença.

Flores e Teixeira contribuem para melhor compreensão desse fato da língua quando afirmam que “é preciso perceber que o aparelho formal da enunciação não está limitado a formas específicas, mas é integrante da língua em sua totalidade” (2005:36). Não se trata simplesmente de indicar formas específicas da enunciação, o que fizemos anteriormente, mas de entender que o aparelho formal da enunciação é o somatório desses índices específicos (categoria de pessoa), indivíduos linguísticos (*este aqui, agora*) e de procedimentos acessórios (assumir a língua e enunciar-se). Deve ser esta a razão que leva os autores a afirmarem que “o aparelho formal da enunciação é uma espécie de dispositivo que as línguas têm para que possam ser enunciadas. Esse aparelho nada mais é que a marcação da subjetividade na estrutura da língua” (2005:36).

Conforme Flores e Teixeira (2005), enunciar é transformar, individualmente, a língua –mera virtualidade – em discurso. Retomamos, finalmente, a questão a que nos propusemos anteriormente: por que alguém publicaria o mesmo texto em diferentes horários do mesmo dia e, ainda, insistiria em publicá-lo novamente em outras datas? Se lemos bem Benveniste, especialmente seus últimos textos, encontraremos na sua definição de frase¹⁷ apoio para compreensão desse fenômeno: “a frase é então cada vez um acontecimento diferente: ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (1989: 231). Assim, defendemos a ideia de que o leitor-locutor dos textos publicados no blog postou cinco comentários em horários alternados, usando o mesmo material linguístico, atualizando, a cada situação, o discurso e, portanto, transformando-o a cada inserção. Se enunciar é, como disse Benveniste, transformar a língua, mera virtualidade, em discurso, entendemos que a cada inserção de texto houve um ato enunciativo, único, portanto.

Defendemos, ainda, que a necessidade que o locutor sentiu de co-referir fez com que ele se apropriasse do aparelho formal da enunciação

¹⁷ A definição que Benveniste constrói para frase nesse texto - “A forma e o sentido na linguagem” (1966) - é antecipadora de sua definição sobre enunciação no texto de 1970.

(e, por ele, do aparelho formal da língua) para produzir um discurso novo e, como tal irrepetível cada vez que realizou a inserção do texto.

4. Considerações finais

Temos consciência de que não foi possível mostrar com uma única análise, e incompleta, todos os *instrumentos* envolvidos na construção do texto analisado do *blog*. Resta-nos observar a importância de se dizer que o sentido do texto se constrói a cada enunciação, em que se observam seu *ato*, sua *situação* e seus *instrumentos*, ou seja, o quadro formal de enunciação que se realiza e se faz único a cada discurso. Isso traz uma outra afirmação que mostra a construção de um sentido sempre único, que não está naquela ou noutra expressão, ele não está pronto, não está lá, esperando para ser descoberto. Ele se constrói na relação entre as expressões que compõem o texto.

A partir do estudo de Benveniste, podemos afirmar que o fato de alguém ter postado no *blog* o mesmo texto cinco vezes não faz do ato uma mera repetição. Se a noção de referência de Benveniste é útil, se o locutor constrói referência a cada vez que se enuncia, é porque constrói novo sentido a cada ato. "Se não podemos prever ou fixar a referência da frase é porque esta é sempre única a cada instância de discurso" (Flores e Teixeira, 2005:37).

Poderíamos ainda afirmar que, a partir desse esboço de análise, encontramos recursos linguísticos que viabilizam a realização de um *ato* de enunciação, concretizado por um *eu*, numa dada *situação* de tempo e espaço. Assim, nesse quadro figurativo da enunciação, registramos alguns instrumentos que colaboram para a construção do sentido do texto em análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In: Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989, p. 81-90.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. *In: Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989, p. 220-242.

_____. Da subjetividade na linguagem. *In: Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995, p. 284-293.

_____. Estrutura das relações de pessoa no verbo. *In: Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995, p. 247-259.

_____. A natureza dos pronomes. *In: Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995, p. 277-283.

FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T.. *Enunciação e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V. N. Notas para uma (re) leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. *In: TEIXEIRA, M; FLORES, V.N. (orgs.). O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p.149-165.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges, Lambert-Lucas, 2007.

TOLDO, Claudia. *O que significa pensar o trabalho de texto em sala de aula a partir de uma concepção enunciativa de língua ?* *In. : Cadernos de Pesquisa em Linguística – Estudos da Enunciação – Porto Alegre, volume 5, número 1, novembro de 2010.*

VALÉRIO, Patrícia da Silva. *O adjetivo sob um olhar enunciativo no gênero publicitário – a contribuição de Émile Benveniste*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2005.